

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO EM SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Maria Erivânia Silva da Cunha (UERN)¹
erivaniacunhatkd@hotmail.com

Jarrilson da Silva Alves (UERN)²
jarrilking@hotmail.com

Leodécio Martins Varela (UERN)³
leodeciomartins@hotmail.com

Introdução

O presente trabalho é um recorte do projeto institucional *Ensino de Língua Inglesa: avaliação da aprendizagem escolar numa perspectiva sócio-interacionista* sob o protocolo n. 062/2011. Tem como objetivo caracterizar práticas e efeitos de avaliação de aprendizagem escolar em aulas de Língua Inglesa, no Ensino Básico, em Assú/RN e cidades da região, com base nos estudos de Luckesi (2003), dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, (2001) de Perrenoud (1999), e de Brookhart (2008).

Neste recorte fazemos uso de dados adquiridos no decorrer do referido projeto e nos aprofundamos em questões avaliativas como “o que é avaliação”, “como se dá a prática avaliativa nas salas de aula” e “quais são as implicações sociais da avaliação escolar”.

O objetivo da avaliação escolar, segundo Ur (2006), é fornecer ao aluno informação acerca de uma dada tarefa de aprendizagem, geralmente com o intuito de melhorar seu desempenho. Em tal perspectiva pressupõe-se que deve haver um *feedback* da aprendizagem do aluno. Mediante tais conceitos, pressupõe-se afirmar que, por natureza, o *feedback* parece assumir função de avaliação formativa que tem a ver com a auto-regulação - processo que o aluno utiliza para monitorar e controlar sua própria aprendizagem (BROOKHART, 2008) e, conseqüentemente, possa desenvolver a construção da autonomia e o avanço do conhecimento/linguagem. No entanto, é, essencialmente, importante ressaltar que nem todo *feedback* é eficaz à aprendizagem dos alunos.

Neste sentido, partindo de uma pesquisa de natureza bibliográfica, buscamos analisar também a prática avaliativa, ou seja, a forma como esta forma de *feedback* tem sido utilizada no ambiente escolar e de como a avaliação escolar tem obedecido a padrões sociais no que diz respeito a classificação dos estudantes, num processo em que os alunos tem sido taxados de acordo como seu desempenho escolar e seu comportamento em sala de aula.

¹ Maria Erivânia Silva da Cunha, graduanda do Curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa no CAWSL/ Assú - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

² Jarrilson da Silva Alves, graduando do Curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa no CAWSL/ Assú - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

³ Professor Ms Leodécio Martins Varela, docente do curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa. CAWSL/ Assú – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A esse respeito, Luckesi (2003) nos afirma, sobretudo:

“vim denunciando o *processo de exclusão* (grifo do autor) que a prática da avaliação da aprendizagem escolar exercita, melhor dizendo, tem exercitado em relação aos educandos, no passado e no presente”. (p. 168)

1. Avaliação: alguns apontamentos

Avaliar é mensurar, medir, julgar aptidões, conhecimentos, é algo que faz parte do nosso mundo desde que nascemos. Atribuir conceitos por meio de mensuração é algo bem presente em nossas vidas, como diz Correia (2009, p. 221) ao afirmar que “a avaliação está presente em nossa vida desde o momento em que nascemos. A partir daí, somos levados a um mundo mensurável, onde tudo tem um conceito, uma nota, um critério, um padrão”.

Na vida escolar não é diferente: os conhecimentos compartilhados com os estudantes por meio de ministração de aulas e/ou leitura de materiais didáticos precisam ser avaliados para se ter uma noção do que realmente foi assimilado. Do contrário os professores estariam lançando conteúdos e mais conteúdos aos alunos sem ao menos se perguntarem o que realmente estava sendo compreendido.

Todavia, esta diagnose não pode ser um divisor de águas entre os que sabem e os que não sabem. Não é o aluno quem deve estar em julgamento, mas o processo de ensino-aprendizagem, o nível de domínio de um determinado conhecimento. Correia (2009, p. 221) diz que “quando pensamos em avaliação, geralmente pensamos em julgamento, ou algum tipo de teste, prova ou algo que julgue a competência de alguém sobre determinado assunto”. Portanto, é o conhecimento e principalmente a compreensão e assimilação do aluno sobre o conteúdo quem está em julgamento e não o próprio aluno.

1.1. Avaliação e seus parâmetros

Para nortear o processo avaliativo nas escolas existem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), diretrizes criadas pelo Ministério da Educação. Nosso foco no presente trabalho está na avaliação de língua estrangeira, na forma como ela está prevista nos PCNs, como se dá sua *práxis* e quais as consequências desta prática.

Os PCNs preconizam que

a função da avaliação é alimentar, sustentar e orientar a ação pedagógica e não apenas constatar um certo nível do aluno. Está implícito, também, que não se avaliam só os conteúdos conceituais, mas também os procedimentais e os atitudinais, indo além do que se manifesta, até a identificação das causas. A avaliação assim entendida oferece descrição e explicação; é um meio de se compreender o que se alcança e por quê.”(BRASIL, 2001, p. 79).

Desta forma os PCNs almejam que a avaliação seja um meio de compreender o processo de aprendizagem e não a definição de um processo, determinando o que está bom ou ruim sem se apresentar um porquê de tal avaliação.

A utilização de mecanismos para avaliar a aprendizagem é algo perigoso, pois pode trazer uma imagem equivocada do processo de aprendizagem como nos afirma

Silva (2010, p.80) quando diz que “a utilização de mecanismos de avaliação com o intuito de quantificar a produção do aprendente produz uma imagem superficial ou mesmo falsa de suas aprendizagens.”.

A imagem transmitida pelos mecanismos de avaliação pode não corresponder à realidade. Certamente que se faz necessário avaliar e que se precisa de mecanismos para desempenhar este papel mensurador no processo, mas é indubitável que embora estes mecanismos não sejam o ponto final para definir a aprendizagem de um estudante, são parte importante desta, como um meio de refletir a forma como a aprendizagem vem sendo desenvolvida, o que pode ser feito para melhorá-la e em que aperfeiçoá-la.

2. A *práxis* Avaliativa

Apesar de a avaliação ser tida como um processo, dentro das escolas isto não tem se aplicado. Não raro, tem sido utilizada como forma de classificação de alunos e até mesmo como um instrumento para a manutenção da ordem em sala de aula segundo os padrões do professor que a utiliza. Sarmiento (1997, p. 92) afirma que muitas vezes os professores no intuito de manter a ordem na sala de aula fazem apelos referentes à avaliação e “utilizam para manter a ordem está o apelo subjacente à avaliação e à possibilidade do aluno ser aprovado, ou não, e a constante ameaça de castigo e/ou privações.” Assim a reprodução de modelos comportamentais tem sido uma máxima nas escolas. Contudo, esta reprodução não se limita a modelos comportamentais, mas a reprodução de conhecimentos e conceitos por meio de regulação como nos afirma Perrenoud (1999), ao dizer que:

[...] a avaliação tradicional, não satisfeita em criar fracasso, empobrece as aprendizagens e induz, nos professores, didáticas conservadoras e, nos alunos, estratégias utilitaristas. [...] [O professor], outrora dispensador de aulas e lições, [...] se torna o criador de situações de aprendizagem produtoras de sentido e de regulação. (p. 18)

Os modelos empregados são regidos pelas classes sociais dominantes. Neste sentido, Sarmiento (1997) afirma que: “o processo avaliativo é o instrumento controlado deste processo de reprodução de modelos, perpetuando os valores referendados pela sociedade.”(SARMENTO, 1997, p. 114).

Tudo tem sido resumido muitas vezes a uma prova o que é na verdade limitar o papel da avaliação na escola, o aluno não tem um *feedback* real de sua aprendizagem pois estas provas não levam em consideração o fator emocional dos alunos. Brookhart (2008) nos diz que:

a boa formação avaliativa dá aos alunos informações que eles precisam para saber onde se encontram no seu processo de aprendizagem (o fator cognitivo) e o *feedback* do desenvolvimento emocional do aluno e o controle que este tem da aprendizagem (fator motivacional).(p.54)

Ao tentar diagnosticar como anda o aluno no que diz respeito a sua aprendizagem em um único momento, ou seja, a *prova*, o professor leva em consideração apenas o cognitivo do aluno, deixando de lado fatores importantes como

estrutura familiar ou condições de moradia, fatores que mexem com o emocional do aluno.

Em relação a isto Silva (2010) afirma que:

A pedagogia de encantamento parte da premissa também de que a educação é um processo de envolvimento das diversas dimensões do ser humano (afetiva, religiosa, intuitiva, racional, instintiva, etc.) na encarnação de práticas educativas que visem contribuir para a constituição e a consolidação de uma sociedade justa e amorosa, comprometida com a ética e a beleza e ávida por felicidade. (p.32)

Assim vemos que a prática avaliativa não é algo para ser resumido a apenas um momento. É preciso ver todos os aspectos que cercam o aprendizado do aluno e saber que o papel que este processo avaliativo deve desempenhar é o de fazer o aluno refletir sobre o conhecimento adquirido, algo que em sua maioria não tem ocorrido na prática avaliativa nas escolas.

Este julgamento iniciado pelo processo avaliativo tem continuidade na sociedade como veremos a frente. Tornando-se muitas vezes um marco negativo na vida dos alunos.

3. As Consequências da prática avaliativa.

Vamos discutir um pouco sobre as diversas representações que os procedimentos avaliativos podem desencadear na sociedade, na escola e nos alunos, especificando como tal fenômeno ocorre e se desenvolve em cada um desses espaços de acordo com o observado anteriormente nas escolas.

É necessário enunciar que, primeiramente, há uma relação cíclica entre as consequências das práticas avaliativas refletidas nos três grupos mencionados já que todo indivíduo está inserido em um grupo e está sujeito a normas a serem seguidas pelos membros que desejam manter-se nele, sendo esta uma regra que acompanha os indivíduos desde os tempos mais remotos. Já a escola enquanto formadora de cidadãos e cidadãs que deverão contribuir com seu grupo, está intimamente ligada a valores sociais predefinidos pela classe dominante. Isso tem se tornado um enorme problema para o sistema educacional, levando ao esquecimento os verdadeiros valores da educação nacional. Como enuncia Silva (2010, p. 25):

Quando o ato educativo é reduzido à preparação dos indivíduos para a sua adequação aos interesses do mercado globalizado, os seus alicerces e suas metas ficam restritas a atender às exigências dos projetos de sociedade baseados no “pensamento único” do neocapitalismo.

3.1. As Consequências da prática avaliativa na sociedade.

Segundo Silva (2010, p. 57), discutirmos a avaliação educacional do ensino-aprendizagem é, necessariamente, refletirmos acerca da função social da educação escolar numa sociedade excessivamente desigual, excludente e desumanizadora na qual nossos discentes estão inseridos. Mas que função a escola tem desempenhado em meio

a esse jogo de poderes? Podemos afirmar que a escola manteve o foco na aprendizagem dos discentes e no ensino de qualidade? Como vemos em Silva (2010, p. 36):

A função do sistema educativo não se restringe a apenas garantir a entrada e a permanência dos aprendentes na escola e lhes oferecer merenda. Seu desafio maior está em possibilitar as condições necessárias para que haja aprendizagens de qualidade social.

Este é um jogo no qual a sociedade impõe à escola apenas a função de selecionar e “capacitar” – o que nem sempre é a principal preocupação - indivíduos considerados aptos a exercerem seu papel no mercado não importando a qualidade do ensino oferecido, mas visando apenas superar a quantidade máxima de alunos que possam ser amontoados em uma sala. Isto nos leva a crer realmente que “a educação de massa, herança do iluminismo, da Revolução Francesa e Industrial abriu as portas da escola, mas não garantiu sua qualidade social para todos.” (SILVA, 2010, p. 24)

3.2. As Consequências da prática avaliativa na escola.

Se as escolas destacaram como valores disciplina, nota, comportamento, reprodução de modelos é por que a sociedade os referencia (SARMENTO, 1997, p. 99) e todos nós estamos expostos a esses fatores em nosso cotidiano: até mesmo numa ida ao supermercado escolhemos os produtos de destaque, os que receberam maiores notas nos procedimentos avaliativos aos quais foram submetidos.

A escola transformou-se em um espelho, refletindo em nós essa sociedade que rotula, atribui nota e, a partir desse ponto, enaltece ou descarta desde produtos a indivíduos. Por isso, o ambiente escolar tem deixado de ser um lugar de crescimento intelectual, afetivo e social à medida que o sistema educacional tem sido um lugar de produzir excluídos, pessoas que vão perdendo sua autoestima e sua crença na capacidade de aprender, ou seja, a escola em vez de ensinar a aprender tem feito o contrário, ensina a aprender a não aprender (SILVA, 2010, p. 28).

Os professores, muitas vezes preocupados apenas em apontar erros e rabiscar de vermelho por completo as provas de seus alunos, esquecem que “a produção do aluno, inclusive o erro, é compreendido como uma fonte riquíssima de conhecimento da dinâmica da qualidade do trabalho pedagógico e do caminho de aprendizagem discente” (SILVA, 2010, p.60) e acabam com fazer da escola um campo de batalha no qual professor e aluno estão em lados opostos quando deveriam trabalhar lado a lado na construção do conhecimento através da reciprocidade.

3.3. As Consequências da prática avaliativa no aluno

No centro de todo processo avaliativo está o discente, aquele que sente na pele as consequências dos péssimos métodos avaliativos empregados na maioria das escolas tradicionais do nosso país, os quais visam apenas classificar os alunos em aptos ou não à progressão de série e, além disso, criam uma cultura competitiva excludente nos ambientes escolares que impede os alunos de estabelecerem um melhor relacionamento social com os demais colegas de classe. Além disso, o fato de o aluno não participar ativamente do processo avaliativo no qual se insere impede-o de compreendê-lo e o faz

perder a chance de opinar e até auxiliar seus colegas e o professor tornando-se responsável e também capaz de se autoavaliar.

Seja usando filas ou mezinhas, os alunos são dispostos segundo critérios que os caracterizam como fracos, médios e fortes (SARMENTO, 1997, p. 100). Além disso, ainda é comum dividir as turmas em classes A, B e C, por exemplo, sendo que as classes A e B comportam os alunos com faixa etária adequada à série em curso e atribui à classe C os alunos repetentes rotulando-os e desmotivando-os cada vez mais.

É por meio de atitudes como essas que se dá nas salas de aula a formação de grupos muitas vezes rivais, tais como os CDFs, impossibilitados de cometerem erros sem serem questionados pelos colegas ou verem a decepção estampada nos rostos dos professores ou o “fundão”, tachados de desinteressados e bagunceiros que não querem aprender nada. Dessa forma, “O aluno acaba sendo totalmente dependente do julgamento do professor para formar um julgamento sobre si mesmo”, tornando-se um sujeito inseguro nos seus julgamentos e sem identidade própria definida. (SARMENTO, 1997, p.112)

Outro reflexo da prática avaliativa empregada hoje é a falta de interesse pelos discentes na aquisição de conhecimento caso saibam que o conteúdo em questão não será futuramente questionado pelo docente nos procedimentos avaliativos, ou seja, passam a estudar apenas para responderem corretamente as provas e descartarem completamente o conteúdo logo em seguida. Isso se dá devido à repetição de conteúdos estanques e que nada tem em comum com a realidade vivida pelos alunos. **Pelo contrário, quando a aprendizagem se dá de maneira significativa**, o aluno utiliza o que já sabe para construir hipóteses até alcançar assim o conhecimento ainda não adquirido. Por isso é preciso estar em destaque a “importância da interação do que já está sedimentado na mente do aprendente e as informações contidas nas situações de ensino arquitetadas pelos professores”. (SILVA, 2010, p. 37)

Considerações Finais

O estudo desenvolvido neste trabalho torna evidente que a avaliação ultrapassa as barreiras do ambiente **escolar: está** presente em diversas situações e lugares, nas diferentes épocas e acompanha todo indivíduo desde o nosso nascimento, **pois, como** afirmam os PCNs (BRASIL, 2010, p. 123) “toda ação humana sempre envolveu, mesmo que de forma empírica, processos de avaliação: o homem teve de avaliar as consequências de suas ações, pois delas dependia sua sobrevivência como indivíduo e espécie.” Sendo assim, se encaramos a avaliação como parte que compõe nossa própria existência, é imprescindível encará-la como parte fundamental na prática docente, embora sejam observadas falhas na prática avaliativa que podem acarretar em consequências muitas vezes irreversíveis no desenvolvimento do aluno.

A avaliação adotada na escola reflete diretamente os valores pregados pelo grupo social ao qual a educação serve (SARMENTO, 1997, p. 98). Dessa forma, podemos afirmar que a sociedade influencia o sistema educacional, este por sua vez forma indivíduos que posteriormente formarão a sociedade futura e por isso nos encontramos nesse círculo caótico. Poderíamos inverter este ciclo ou pelo menos diminuir suas implicações negativas começando pela formação e avaliação com foco nas aprendizagens significativas que construirá indivíduos realmente preparados, numa

escola, espaço aberto a todos, dos mais brilhantes aos que necessitam de maior suporte e por último chegaremos a uma sociedade equilibrada a qual terá como prioridade a educação em seu real sentido.

Por fim, esperamos com este trabalho permitir uma reflexão por parte não só dos professores, mas também dos alunos, da própria escola e da comunidade na qual esta escola está inserida. E através desta reflexão gerar uma mudança no cenário escolar atual, com destaque no que diz respeito à prática avaliativa dos docentes, a percepção desta prática pelos alunos e as implicações que estas refletem na sociedade como um todo.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf . Acesso em: 25 abr. 2012.

BROOKHART, Susan M. **How to give effective feedback to your students**. Association for Supervision and Curriculum Development (ASCD). Alexandria, Virginia USA, 2008.

CORREIA, Edna Pires. **Avaliação: uma reflexão**. LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem: estudos e proposições**. 15ª edição. Cortez Editora, São Paulo, 2003.

MORAIS, Liani F. **Língua Estrangeira Moderna**. BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros em Ação, Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Média e Tecnológica - MEC; SEMTEC, 2001. 340 p.

MOITA LOPES, L. P. de. **Oficina de Linguística Aplicada**. São Paulo: mercado de Letras, 1996.

_____. **Por uma Linguística Aplicada Interdisciplinar** São Paulo: Parábola, 2006.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SARMENTO, Diva Chaves (Org.) **O discurso e a prática da avaliação na escola**. São Paulo: Pontes, 1997.

SILVA, Janssen Felipe da. **Avaliação na perspectiva formativa reguladora: pressupostos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Mediação, 2010. 3ª Edição.

UR, Penny. **A Course in Language Teaching: Practice and Theory**. Cambridge Teacher Training and Development, Series Editors: Marion Williams and Tony Wright, 2006.

VARELA, Leodécio Martins. Interação em sala de aula de Língua Inglesa: **o feedback como estratégia do desempenho assistido**. --- f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras, Estudos da Linguagem, Área de Concentração: Linguística Aplicada. UFRN - Natal -2011